

Stadium

N.º 286

26 de Maio de 1948

Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTOS DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

PORTUGAL - IRLANDA

Bela imagem do jogo entre portugueses e irlandeses! Barrigana, mãos firmes, sobe para uma bola alta e não a larga! Feliciano e Alberto admiram esta magistral defesa do seu guarda-redes. E o caso não é para menos...



A VITÓRIA FOI UM BALSAMO

Stadium
REVISTA DESPORTIVA
—
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1.ª
Telefone, 31187 - USBOA
Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA
Propriedade de
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA
NEOGRAVURA, LIMITADA
SILVAS LIMITADA

A equipa nacional desenvolveu jogo rápido, articulado e preciso em meia hora, mas ao fim desse esforço quebrou nitidamente — Uma Seleção oportunista que não é, de modo nenhum, a estrutura para o futuro...

Visado pela Comissão de Censura

Crónica de TAVARES DA SILVA

ERAM 15 e 30 quando chegámos ao Estádio Nacional. O aspecto era um pouco desolador, pois viam-se em todo o redor da pista grandes clareiras. E a pedra parecia mais branca, fazendo frio nam dia quente... Mas, rapidamente, os degraus dos pões escureceram, cobertos de gente. E a bancada central também se compôs. Só as laterais resistiram, não atraindo o público. Esta ausência dos adeptos nam desfilo internacional dá-nos verdadeiramente que pensar...

Exactamente às 16 horas as equipas estavam na pista, anidas e entreteçadas. O despique começará daí a pouco. Periladas em frente da tribuna de honra ouvem os hinos dos dois países. Assistem ao encontro os srs. ministros da Educação Nacional, Negócios Estrangeiros, Colónias, Marinha, Obras Públicas, Subsecretários de Estado do Comércio e Obras Públicas e encarregado de negócios da Irlanda.

Sob a arbitragem do italiano Generoso Datillo, conjuvado pelos juizes portugueses, o portuense Vieira da Costa e o lisboeta Borques Leal, os grupos alinharam como segue:

Portugal (camisola grená com as calças e calções brancos): Barrigana; Serollim, Feliciano e Alberto; Canário (à meia hora substituído por Joaquim) e Francisco Ferreira, capitão; Jesus Correia, Vasques, Peyroteo, Travassos e Albano.

Irlanda (camisola verde com o tradicional distintivo de folhas de trevo e calções brancos): Moulson; Carey, capitão, e Martin; W. Welsh, Clark e Farrel; Henderson, Cond. D. Walsh, Stevenson e Eglinton.

Sapientes de Portugal: Azevedo, Alfredo, Aredjo, Patolino e Vieira. Os portugueses transigem com a ausência dos números nas costas.

A Irlanda escolhe a favor do vento, um elemento com que há sempre a contar no Vale do Jamor, visto o Estádio ter a bocheira aberta.

A decisão ou tática por parte dos portugueses é de ataque. Logo no período de começo, o impeto dos nossos jogadores é irresistível. Os extremos entram em acção. E vê-se imediatamente esta grande diferença no sistema defensivo dos grupos: enquanto que no lado português se note

uma estreita marcação, muito perto do adversário, não deixando este pôr pé em ramo verde; da parte dos irlandeses dá-se folga aos nossos dianteiros.

Desta diferente orientação resulta facilidade de movimentos para os atacantes nacionais. Saucedem-se avanços conzuidos por



Jesus Correia. O trio central também entra em acção. E surge a primeira esplêndida oportunidade, que Vasques perde embulhando-se com a bola.

Sente-se que estão na linha da frente cinco homens habituados a jogar ans com os outros. Há am libre próximo da grande área irlandesa, em que o adversário faz barreira, mas em que a dificuldade é contornada.

Atingimos o momento do apogeu na passagem do primeiro quarto de hora! Sargem dois golos com impressionante facilidade: aos 18 minutos, Peyroteo recolhe, de cabeça, am centro de Jesus Correia, e a bola é certa! Aos 21 minutos, Albano transforma, à boca das redes, uma passagem de Travassos que descaíra sensivelmente para o lado direito.

A vitória está conquistada, e agora parece que bastará insistir... Os irlandeses, contado, assentam o jogo, e apesar de dominarmos, as suas combinações, rastelras e precisas, colocam-nos em dificuldade... Salva-nos a atenção de Barrigana e a segurança de Feliciano.

Aos 33 minutos, por lesão — assim nos parecia — sai Canário e entra Joaquim. Os irlandeses, decididos, organizam várias ofensivas, particularmente perigosas pelo lado esquerdo e inocentes quando desenvolvidas pela sua direita.

Atinge-se o intervalo com 2-0, o resultado que teimosamente havia de persistir. Na segunda parte, com o vento a favor, os portugueses insistem em massa, realizando os da Irlanda várias fugas. Mas o que acontece neste recomeço, mantem-se até o final da partida: nós atacamos, invariavelmente, mas somos menos perigosos no remate que o inimigo. Aos 6 minutos Clark sai do terreno por algum tempo.

O domínio de onze portuagens é avassalador, a tal ponto que os defesas adiantam-se e veem postar-se na linha do meio-campo.

Desenvolvemos ataques sobre ataques. Mas não tiramos proveito da situação. A defesa envia invariavelmente a bola para a frente, com longos pontapes por alto, e as jogadas confusas do nosso ataque sucedem-se agora. E entramos na tona de tirar a bola para o barulho... Os irlandeses não passam do meio do rectângulo, mas se alguma vez o conseguem — apoquentam Barrigana.

Insistimos no jogo por Albano, uma anidade que se encontra normalmente desmarcada. Compreende-se por isso que ele seja preferido no desenvolvimento dos lances. Mas o extremo-esquerdo não dá andamento às jogadas, mostrando-se indeciso e hesitante. Falta-lhe am não sei quê!

Vasques, pelo seu lado, desempenha mais o papel de médio do que de dianteiro, e o tempo passa-se sem se encontrar o caminho das balizas.

Barrigana, chamado a defender poucas vezes, porta-se excelentemente. É que as suas intervenções, embora escassas, são de resolução de hipóteses bicadas. Em dado momento, parando am remate, o guardaredes



portuense deixa escapar a bola das mãos mas faz uma emenda magistral.

O desfilo passa a não interessar, e a entrada do último quarto de hora o público está na debandada. O médio Francisco Ferreira ainda tenta mader a face das coisas, em arrancos orientados para Albano. Nada consegue. Os irlandeses, para o fim, remetavam ainda com perigo. Barrigana, e os elementos de defesa, não consentiram, porém, no chamado ponto de honra. E fechamos a época internacional com uma vitória. Bem precisava dela o futebol português que, causas várias, haviam lançado na descrença. O balanço da época não é lamoso, mas esta alegria faz esquecer am pouco as tristezas, especialmente quando se está predisposto am esquecer.

DAS três seleções irlandesas que nos defrontaram — cada partida cada vitória portuguesa! — esta deu-nos a sensação de mais fraqueza. Não quer dizer que assim seja, embora saibamos ter o defessa e capitão Jack Carey dito o mesmo. Mas julgamos pelo valor apresentado e não pelo valor intrínseco que porventura o Grupo tenha.

A verdade é que a prova irlandesa foi am tanto ou quanto desoladora. O primeiro defeito que há a apontar ao team de Dublin é a manifesta falta de conjunto. Ora, hoje em dia já não se admitem os grupos improvisados, no Deus-dará, cada jogador a paxar para o seu lado. É do futebol moderno, e esse traço afirma-se dia-a-dia mais fortemente, am distribuição equitativa de trabalho pelos onze homens. A tarefa dividida por todos custa menos.

Bem sabemos que os irlandeses organizam o seu onze de am dia para o outro (também em Portugal se passa o mesmo!), chamando os homens às fileiras clubistas e apresentando-os com camisola do trevo sem mais trite nem quarte. Todavia, tratando-se de jogadores em convivência no bom futebol inglês era de esperar outro sentido colectivo de colaboração.

Nós fazíamos do grupo da Irlanda, que já vimos em acção cinco vezes, a ideia de am team formado por anidades dexteras e rápidas, perigoso no ataque e fechado na defesa. Temos de pôr am reticência na nossa impressão, visto alguns irlandeses, individualmente considerados, nos



terem dado a sensação de *unidades inferiores*. Dois exemplos sugestivos: o da ponta-direita e do guarda-redes.

Se é certo que um *team* se desdobra em dois sentidos, na defesa e no ataque, é evidente que estes sentidos, de sinal contrário, se conjugam perfeitamente. O trabalho de *trás* reflecte-se à frente, e vice-versa. A harmonia, nos grupos de grandeza, deve ser tão perfeita que o fraco rendimento de uma unidade quebra o conjunto e gera a falta. Que dizer, quando o desequilíbrio é de todo um sector! Na verdade, os Irlandeses não souberam marcar a linha dianteira portuguesa, permitindo sempre que jogássemos, aparentemente, com uma pedra a mais no ataque. O que se passa com Albano prova exuberantemente o que vimos afirmando. O novo extremo-esquerdo não só apanhou a bola sistematicamente à vontade como galgou o espaço, metros a metros, sem ser apoquentado. Era ele que ia procurar o adversário, e não este que o vinha procurar...

Com os médios sem uma posição certa, a linha atacante da Irlanda ressentia-se. Por certo, ela teve ainda combinações de boa marca — sobretudo quando entra em acção o extremo-esquerdo, ou mesmo a asa inteira, e o interior-direito. Mas faltou-lhe continuidade de jogadas, fibra e espírito de luta. Algumas vezes a bola vinha rolando — com os jogadores irlandeses perdidos e estáticos.

O *team* da Irlanda alogou-se na velocidade de Portugal. Na tática clássica que compete a quem joga em casa, no seu ambiente e a coberto do seu público, o nosso grupo caiu a lombo nos primeiros instantes, verificando-se imediatamente a falta de resistência do adversário. E à medida que o ritmo português aumentava, a resistência do inimigo, como que surpreendido, diminuía singularmente.

Com o adversário manietado e jogando rápido e depressa, na boa fórmula, o onze português atingia, então, o seu momento culminante! O *team* actuava na-

ma só vontade, em tática eminentemente ofensiva, que, de resto, provinha da solidéz da sua defesa, projectando os seus ataques com grande clareza e entendimento. Quando se joga desta maneira — os golos não de fustamente surgir. Os golos, a coisa mais difícil em futebol, surgem então com o carácter de espontaneidade, a característica do futebol ligado e luminoso.

Após a obtenção das duas bolas, o grupo nacional baixou de tom. A substituição de Canário quebra um pouco o ritmo, justiça seja feita. Pelo menos, enquanto Joaquim não acertou no lugar — ocupando devidamente o seu posto. E os portugueses, tendo o adversário na mão, começaram a exagerar nos passes buscando o futebol de filigrana e esquecendo-se que quem o seu inimigo aponta as mãos lhe vem a morrer...

Ainda julgamos que este *abrandar de acção* correspondesse a um objectivo de repouso para, em seguida, na segunda parte, cada um fazer o seu máximo.

Pois o segundo tempo transformou-se na fase da nossa desorientação. Não porque tivéssemos cedido aos irlandeses o fio de jogo, mas porque todo o desenvolvimento do futebol passou a ter o canho da confusão, do desperdício, do não aproveitamento das oportunidades.

Passámos bom quinhão deste tempo com toda a defesa comodamente instalada a meio do campo, tomando parte na faina



do ataque em pontapés longos, de para-bola, para a frente das operações. Tais passagens para o barulho, sem precisão, ou perdiam-se, ou então os dianteiros agarravam na bola e trocavam uma série maior ou menor de passes que acabavam em nada. As coisas sucediam desta maneira: o centro avançado virado para o seu campo, dava um toque para o interior, este para o outro interior, e do meio-ponta para o extremo para voltar ao meio-ponta. Quando a jogada de conjunto se concluiu, estava-se com ligeira rectificação, no ponto de partida, não se tendo removido nenhum obstáculo, antes colocando mais obstáculos na frente da batalha. Por outro lado, faltava na dianteira portuguesa um rematador de classe — um homem capaz de ter a visão do baranco a descoberto e de colocar lá a bola. Arraújo podia, evidentemente, ter feito menos filigranas — que importa isso! — porque o seu jogo é mais incisivo, mas não há dúvida que o guarda-redes adversário conheceria a marca dos seus remates, especialmente quando Travassos, desviando para a direita, cruzasse a bola para o lado esquerdo... Nesse momento, o sincoente irlandez das redes estaria batido!

Os nossos adversários aperceberam-se da confusão portuguesa e deram-se conta da posição adelantada dos atacantes das quinas. E resolveram então tornar ainda mais confusa a situação. Como? — Pondo em campo a *tática do offside* que os Ingleses praticam com mestria, não devendo esquecer-se que alguns destes homens da Irlanda estão integrados em equipas da Inglaterra.

Desde esse momento em diante deu-se o caso pitoresco, por certo alarmante, de haver quase sempre dois, e às vezes mais, jogadores portugueses fora de jogo. O italiano do apito, imperturbavelmente, por visão própria ou dos *juizes de linha*, que, diga-se de passagem, foram de uma seriedade a toda a prova, honrando a arbitragem portuguesa, não deixou escapar um *offside* e muitas combinações portuguesas morreram deste modo, de morte macaca. Os irlandeses armaram-nos uma autêntica ratoeira, e nós deixámo-nos cair nela e fomos sempre apanhados pelo apito do italiano. Mostrámos um ar enternecedor de candura no que respeita a conhecimento da regra do *offside*. Por tudo isto, não engrossámos o activo dos golos na segunda parte e apesar de termos dominado intensamente no capítulo territorial — os melhores remates, e remate é pressaposto de golo, pertenceram aos irlandeses.

As referências à actividade dos jogadores completarão, necessariamente, estes apontamentos do

3.º Portugal-Irlanda que visam a esclarecer o que se passa no Vale do Jamor.

Os jogadores de menos categoria na equipa irlandesa foram o guarda-redes Moulson, e o extremo Henderson. Diremos ainda que Carey não esteve à altura do seu nome, e que os Walsh, Martin, Farrel e Clarek não pas-

saram da mediocria. O extremo Eglinton e os interiores Coad e Stevenson, aquele à frente, tornaram-se destacados numa equipa sem articulação.

Não queremos fazer uma escala de valores na equipa portuguesa, mas somente dizermos o suficiente para dar uma ideia de como apreciamos o trabalho dos nossos bravos rapazes. Desde já aceitamos todas as rectificações que cada um entenda dever fazer.

Na defesa há que pôr em relevo e no mesmo plano, o trabalho de dois homens: Barrigana, oportuno, de vista de linca, muito bem nas saídas e rápido nas emendas; e Feliciano, ágil e elástico, bem colocado, que varreu sempre a marcha do inimigo. Serafim, no estilo que adoptou — que mais podia fazer? — conseguiu representar uma verdadeira utilidade, assim como Alberto em quem não se descobre, todavia, garra de internacional.

Na linha medalhar, Francisco Ferreira, dado a um papel mais defensivo, ainda construiu muito lance e ligou jogo, em passes de bandeja. Canário, enquanto na lica, brilhou no futebol de ataque, sendo o ponto de junção de linha de defesa e do conjunto atacante. Não devemos estranhar, por outro lado, as indecisões de Joaquim, ainda inexperiente. Mas o rapaz tem libra e



melhorou sensivelmente à medida que os minutos decorriam.

Na frente destacaram-se Jesus Correia e Travassos. O primeiro, extraordinariamente rápido, cortou em geral para as redes e provocou o pânico; o segundo, despedia golpes de bom talento. Peyrotea, excelente na colaboração com os companheiros, não se deu ao remate, o que nos parece de mau exemplo no posto que ocupa. Vasques produzia coisas boas a par de más, mas retardava um pouco o jogo. Albano, que foi o mais bem servido, perdeu-se em lentas e não teve em mira os balizes.

E não queremos falar da substituição de Canário. Achamos inconcebível que se ponha um homem a jogar já com o destino marcado. E' o jogo que provoca as substituições, e estas só em casos muito excepcionais podem estar traçadas como regras.

ESTA apresentação da equipa nacional longe de ser uma contribuição para o futuro, aparece-nos como um caso anormal e um produto do momento.

Traçaram-se planos, gastaram-se palavras e fizeram-se declarações públicas para, afinal, os

(Continua na pág. 6)



A equipa portuguesa vencedora da «Taça de Ouro da Península»

MAIS UMA BRILHANTE VITÓRIA DE PORTUGAL SOBRE A ESPANHA NA «TAÇA DE OURO DA PENÍNSULA»

MAIS uma brilhantíssima vitória — a sétima consecutiva — acaba de ser alcançada pelos cavaleiros portugueses, em luta com os concursistas espanhóis, na disputa da famosa «Taça de Ouro da Península», trofeu máximo do hipismo peninsular.

Havia dúvidas este ano quanto ao vencedor provável, visto que se sabia ser a equipa espanhola das mais fortes que têm vindo até nós e se desconhecia o que poderiam fazer os nossos cavalos, atendendo a que só haviam actuado no Concurso de Mafra e all mesmo em condições anormais devido ao estado do tempo.

O Tenente-coronel Ivens Ferraz, seleccionador e chefe da nossa equipa — um seleccionador que nesta prova nunca conheceu o gosto amargo da derrota — medindo bem o peso das responsabilidades, apresentou-nos um conjunto que desde logo se impôs pela soma de valores individuais, inspirando-nos confiança.

Helder Martins com «Optus», Correia Barrento com «Alcoa» José Carvalho com «Tete» e Henrique Calado com «Vouga», foram mais uma vez os nossos representantes na difícil competição, enfrentando a equipa da Espanha chefiada pelo comandante Cabanillas e constituída por Navarro no «Quorum», Garcia Cruz no «Lobito», Hector Vazquez no «Batato» e Marcelino Gavillan no «Foragido».

A luta equilibrada que se adivinhara, prevaleceu quase até final, se bem que a nossa equipa desde o começo se mostrasse mais brilhante e — porque não dizê-lo — superior tecnicamente.

O percurso, constituído por 12 obstáculos que obrigavam a 16 saltos, sem estar extremamente difícil, era todavia um caso sério, dada a natureza de alguns desses obstáculos e a ingratição do terreno, que a chuva da manhã tornara bastante mole.

Os cavaleiros portugueses, mais com a preocupação de «limpar» do que a de fazer provas rápidas, conseguiram no decorrer das duas partes quatro percursos sem faltas, sendo dois de Barrento, um de Helder Martins e outro de José Carvalho, enquanto que os espanhóis apenas alcançaram um, por intermédio de Hector Vazquez, o único espanhol que passou «limpo», — e só uma vez, — o duplo de «oxeros».

Foi brilhante a contribuição para a vitória dada por Correia Barrento no «Alcoa», terminando os dois percursos sem um único derrube e reafirmando o valor incontestável do conjunto. Brilhantes também o primeiro de Helder Martins e o segundo de José Carvalho.

Henrique Calado foi dos nossos o mais desafortunado. Quanto aos espanhóis, Hector Vazquez e Gavillan foram os menos penalizados e Garcia Cruz aquele que somou maior número de pontos.

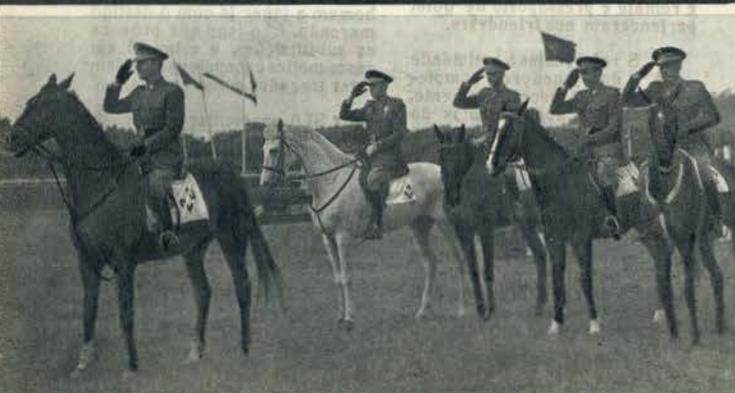
A equipa portuguesa terminou vitoriosa com 16 pontos em 4^m, 43,3, contra 28 pontos da equipa espanhola que, no entanto, marcou um tempo mais rápido (4^m, 36,4).

Nada pode deslustrar o brilhantismo da nossa actuação, nem o valor dos quatro componentes da nossa equipa. A supremaçã portuguesa reflecte-se bem nos consecutivos triunfos que, desde 1940, são obtidos nesta difícil prova.

Gostámos de ver este ano cavalgando à frente da nossa equipa o Tenente-coronel Ivens Ferraz. Não era hábito seu fazê-lo e o público conseguiu agora envolvê-lo nos aplausos que, com entusiasmo, tributou aos componentes da sua brilhante e homogênea selecção.

Antes Teixeira

Nas fotos que publicamos vêem-se à esquerda de cima para baixo, os componentes da equipa espanhola, Navarro no «Quorum», Garcia Cruz no «Lobito», Gavillan no «Foragido», e Vasquez no «Batuto». A' direita, os cavaleiros portugueses Helder Martins no «Optus», Barrento no «Alcoa», Carvalho no «Tete» e Calado no «Vouga»



A equipa espanhola em continência



Como entraram no campo os dois grupos



As equipas, alinhadas, ouvem os hinos nacionais



A tradicional troca de galardões entre Francisco Ferreira e Carey, capitão...



...e a escolha do campo



Peyroteo e Albano — que marcaram os golos

Ao alto da página, a equipa de Portugal, vencedora da Irlanda no 3.º jogo e pela 3.ª vez. A seguir, o conjunto irlandês, e uma admirável entrada de Francisco Ferreira — surpreende o interior direito

CICLISMO

ARMANDO GONÇALVES do Benfica

ganhou o campeonato de amadores juniores

A manhã de domingo, em ciclismo, comportou apenas uma prova — a última da série que contava para o campeonato regional de amadores juniores. Disputou-se, com partida em linha, num percurso de 105 quilómetros, largar em 24 corredores e todos eles concluíram a prova. A velocidade da marcha não foi de molde a provocar desgaste... E não houve nenhum azar de importância.

Armando Gonçalves e Carlos Cristóvão, que andam empelotados na classificação geral, fizeram uma prova de espectacular — e ensaio, a ver o que a corrida dava, em surpresas. Nem um, nem o outro tentaram qualquer ataque a fundo — e ambos procuraram a defesa. A marcha fez-se, por isso, em «pelotão» e com média fraca.

Entre os dois, coube a Armando Gonçalves o maior porção de iniciativa, mas só tarde se resolveu a atacar e não teve audiência bastante para insistir. Carlos Cristóvão deu, no entanto, a quem acompanhou a prova, a impressão de rodar com certa dificuldade, nas ladeiras do Turcifal. A primeira tentativa de Armando Gonçalves surgiu depois em Vila Franca do Rosário. Tornou a atacar em Louso. Na subida das Piteiras, uns pontos estratégicos do circuito, o seu «estirão» foi mais forte. O corredor pôde isolar-se. Mas não prosseguiu no esforço.

Tudo se manteve praticamente na mesma, até à chegada de Carriche. Carlos Cristóvão jogou aí a sorte da corrida. Ao ataque responderam praticamente Armando Gon-

çalves e Júlio Lopes. E o corredor de Manique não pôde eguentar o andamento da resposta. Os dois estradistas «descolaram» de Cristóvão e maniveram-se juntos até ao Estádio. Júlio Lopes entrou à frente e acelerou a marcha, distanciando-se cada vez mais de Armando Gonçalves, até cortar o enfiamento da chegada. Entre os dois primeiros e o corredor de Manique interpostos Artur Lopes, de Marconi.

As primeiras classificações ficaram como segue:

1.º Júlio Lopes (Lisgás), 3 h. 16 m. 2s.; 2.º Armando Gonçalves (Benfica), 3 h. 16 m. 11 s.; 3.º Artur Lopes (Marconi), 3 h. 16 m. 14 s.; 4.º Carlos Cristóvão (Manique), 3 h. 16 m. 20 s.; 5.º João Duarte Lobo (Campo de Ourique), 3 h. 16 m. 25 s.; 6.º Manuel Francisco (Manique), 3 h. 16 m. 45 s.; 7.º José Vicente Paulino (Manique), mesmo tempo; 8.º Mário Lourenço Dias (Lisgás), 3 h. 17 m. 25 s.; 9.º Alexandre Soure (Marconi), mesmo tempo; 10.º Francisco Luís Mota (Benfica), 3 h. 17 m. 40 s.; 11.º Américo de Sousa (C. A. C. O.); 12.º Manuel Alvaro Coelho (C. A. C. O.); 13.º Fortunelo Pereira (Lisgás); 14.º Manuel Nunes (Sporting); 15.º João Inácio (Sporting).

Na classificação geral, com o título de campeão regional, ficou Armando Gonçalves, com 43 pontos. E segue-se-lhe Carlos Cristóvão, com 41. O campeão dos iniciados, teve, pois, comportamento de relevo no primeiro campeonato de juniores.

M. de O.

BASQUETEBOLE

Terminou a primeira volta do Campeonato Nacional com o VASCO DA GAMA à frente da classificação

Terminou no domingo, a primeira volta do Campeonato Nacional da I Divisão, com os seis clubes concorrentes escalonados da seguinte forma: 1.º Vasco da Gama, 4 v. e 1 d., 8 pontos; 2.º Fluvial, Olivais e Atlético, todos com 3 v. e 2 d. 6 pontos; 3.º Benfica, 2 v. e 3 d., 4 pontos; e 6.º Belenenses, 5 d., 0 pontos.

Nesta fase inicial da competição, as equipas da Província marcaram nítida superioridade sobre os conjuntos da Capital, o que confirma, em absoluto, o que aqui dissemos, por várias vezes, sobre a quebra do valor do basquetebol lisboeta.

Realmente, se passarmos em revista os resultados dos jogos realizados nas cinco primeiras jornadas do Nacional, verificamos que a superioridade das equipas do Porto e de Coimbra foi flagrante, esmagadora. Assim, o Vasco da Gama e o Olivais venceram todos os representantes do Capital e somente o Fluvial sofreu duas derrotas — nos seus jogos contra o Benfica e o Atlético, ambos em Lisboa; mas, em compensação, os fluvialistas cometeram a interessante proeza de vencer o Vasco da Gama e o Olivais...

Ao começar a segunda volta da

prova, devemos esperar a subida das equipas de Lisboa, entre as quais a do Atlético parece ser a que melhor posição vai firmar. Quanto ao «cinco» do Benfica, a contagem com qualquer situação desagradável de que não conhecemos da origem, também é de surpresa que, nesta fase do torneio, procure dar uma ideia mais aproximada do seu incontestável valor. Sobre o conjunto do Belenenses, pouco podemos dizer. A equipa não conseguiu ainda uma vitória no campeonato e, excepto no jogo contra o Benfica, as suas exibições têm sido bastante pobres. Portanto, e ao menos que surja qualquer melhoria que nada faz prever, os «azues» manterão a pouco descevalhada posição os «lanterna vermelha» — um posto que não corresponde às tradições do clube, nesta modalidade.

Quanto às equipas do Porto e de Coimbra, é justo que se lhes enderecem parabéns, pela forma como se têm comportado nesta prova. De todas, porém, a do Vasco da Gama parece ser a que se encontra em melhores condições a levar para fora de Lisboa, pela segunda vez, o título do Nacional da I Divisão...

Monteiro Poças

Vencemos pela 3.ª vez a Irlanda

(Continuação da pág. 3)

factos desmentirem as palavras. Disse-se que a preparação tinha de ser individual, e depois colectiva, para não se fazer nem uma nem outra coisa. A Comissão atribuiu-se mais um papel de preparar do que seleccionar, mas toda a sua actividade pouco mais foi do que palavras. Em vez de se trabalhar a sério, em profundidade, indiferente à política da bola, preferia-se a orientação de dizer coisas, para, no final de contas, se proceder ao contrário do que se dizia.

Quem se lembra das estranhas convocações de pacatos jogadores, criando-lhe infundadas esperanças, ou de outros elementos sem o favor da competição, faz por certo uma ideia de como foi preparada a selecção portuguesa.

Passaram-se semanas e semanas no treino e aperfeiçoamento colectivo de determinados jogadores, escolhendo-se à última hora homens que não tinham sequer sido convocados. E no meio de tudo isto não se fez um único internacional!

Não se teve, mesmo, pejo de dizer que, certos e determinados jogadores não serviam ou não prestavam por isto e por aquilo, para, no momento decisivo, se recorrer a eles, tentando-se então deslocar a má impressão das palavras.

Em resumo, traçou-se um caminho errado mas não se seguiu esse nem outro qualquer, procedendo-se de modo oportunista. Se a equipa apresentada, com 4 dias de estágio e um treino contra o Futebol Benfica, tivesse sido convenientemente preparada, nada haveria a dizer, mesmo porque o seu rendimento seria bastante superior.

Nessa hipótese, estaríamos em condições de analisar uma linha que deixava de fora talvez o melhor valor do futebol português. Assim, nem vale a pena! Deve ter-se em vista, no entanto, que, ao organizar-se uma selecção deve deltar-se fora, e para bem longe, todos os rancores, que esses não cabem na lanção de seleccionar. Aos sentimentos particulares dos indivíduos, por muito respeitáveis que sejam, sobrepõe-se o dever sagrado da representação do país. Esta não se compadece com um procedimento que não seja puro. O problema da selecção nacional está acima de todos os interesses e sentimentos. Podíamos ter hoje, novamente, a estrutura de uma equipa nacional. Não temos nada. Isso não significa que o triunfo não tenha sido acolhido de braços abertos. Esta vitória era tão necessária ao futebol português como o pão para a boca.

T. S.

PATINS INGLESES

os mais populares

E ACESSÓRIOS

PARA BICICLETAS

Representantes

F. H. D'OLIVEIRA & C. L. DA

LISBOA — C. Marquês de Abrantes, 52 — Telefone 6 0113
PORTO — Rua do Almada 243 a 245 — Telefone 2 4208

Stadman

Impressões de vencidos e vencedores

após um desafio que nos forneceu
30 minutos de bom futebol

Em nosso entender — e Deus nos perdõe se erramos — a equipa portuguesa enfrentou no Estádio Nacional o pior adversário de sempre. A formação da Irlanda, nitidamente inferior aquela que vimos em 1946, deixou-se manobrar quasi sempre, muito mais em meia hora da primeira parte do que no segundo tempo, altura em que beneficiaram do jogo pouco ofensivo do conjunto português.

Para quem viu jogar a equipa da Inglaterra e o Arsenal de Londres, para não falar do Glasgow ou do Charlton, surpreende qualquer «grande» resultado com os Mestres da Grã-Bretanha. Mas a nossa equipa ganhou justamente o desafio. Bastou-lhe meia hora de bom jogo para fazer dois tentos, e se depois não pôde fazer mais do que isso, nunca deixou os adversários em descanso, mesmo quando estes, em golpes episódicos, fizeram perigar as redes de Barrigana.

Deixemos, porém, o que o jogo deu. Vamos ouvir algumas «figuras» do desafio, e damos desde já a palavra aos jogadores da equipa nacional.

O capitão da equipa, Francisco Ferreira, gostou da primeira meia hora

Francisco Ferreira foi o primeiro a ser ouvido.

Como sempre acontece, o excelente médio da equipa nacional e capitão do grupo, é franco a conversar.

Disse-nos sem rodeios: — O nosso grupo ganhou com inteira justiça. O grupo irlandês não me agradou tanto como da 1.ª vez, aqui em Lisboa e o ano passado em Dublin. Surpreendeu-me a marcação defeituosa aos extremos.

— Comparado com o grupo do Arsenal e da Inglaterra...

— Nem é bom falar nisso! — Mas então, 2-0 é pouco, não é verdade?

— Sim, muito pouco. O ataque, no segundo tempo, deixando-se cair na «ratoeira» das deslocções e rematando com infelicidade, não fez subir o marcador.

— A equipa portuguesa, achou-a bem formada?

— Não devo pronunciar-me. Tive pena de não ver no grupo um jogador como Araújo. Mas compreendo a ideia dos seleccionadores.

— Dos irlandeses?

— O extremo esquerdo, interior direito e o defesa do mesmo lado. Vulgares alguns deles.

Jesus Correia está satisfeito...

Deixamos Francisco Ferreira, que nesta altura explica ao Barrigana o motivo porque se antecipa a uma saída sua, e procuramos ouvir Jesus Correia, cuja actuação agradou a uns e outros — segundo parece.

— Parabens. Assim joga um bom extremo.

— Não estou descontente. Ganhamos com justiça e procurei contribuir para o resultado. Tive pena de não marcar um golito.

— Gostou da equipa irlandesa?

— Teve coisas boas e más. Não me pareceu superior as duas anteriores, contra quem joguel.

— E dos portugueses?

— Não distingo nenhuns. Todos trabalharam o melhor possível.

Araújo não desejava pronunciar-se...

O internacional português Araújo não deixa transparecer na face qualquer sintoma de aborrecimento. Mas, «provocado» — já a coisa se passava de maneira diferente...

Disse-nos: — Afirmaram-me que não alinhel por castigo. Não acredito. O que talvez seja é muito perigoso jogar mal uma vez.

— Impressionou-o a nossa equipa?

— Jogou para ganhar bem. Gostei muito do trabalho de Barrigana, o guarda-rede do meu clube. Não calcula a satisfação que isso me deu.

— E Joaquim?

— Olhe: — se ao Vasques fez falta o Canário, talvez o Joaquim tivesse precisando, naturalmente, de algum outro elemento mais conhecido.

Para evitar confusões, não se esqueça de dizer que eu sou o primeiro admirador de Vasques.

«Mas eu já falei muito na sua frente. Não queria dizer nada. Compreende-me?»

O optimismo de Barrigana

O guarda-rede do F. C. P. é um brinçalho por temperamento. Raras vezes se aborrece. Depois do jogo, já no Avenida Palace, e depois de provocar o bom humor dos irlandeses, veio afirmar-nos:

— Tinha cá uma fé, sabe? Os adversários lá das Irlandas não me furariam as redes. A mesma fé me acompanhou contra o Arsenal, e se não fôra o árbitro, com dois «brindes», assim aconteceria.

— A sua satisfação é evidente!

— Pois claro! Substituir um guarda-rede como Azevedo, e ter por cima o prazer de não provocar a sua entrada no jogo, é de muita honra para mim. Não lhe parece? Mas não estou inteiramente satisfeito.

Quería ver o Araújo ao menos um bocadinho.

Compreendemos o zelo de Barrigana.

— A vitória de Portugal não sofre qualquer contestação, não é verdade?

— Indiscutível. Podíamos, apenas, ter marcado mais bolas. Eu tive vários momentos difíceis. Algumas bolas eram bem «traçcoiras». Anote que me agradou muito a maneira

como Feliciano, Francisco Ferreira, Alberto e Serafim procuravam facilitar o meu trabalho. E o público animou-me sempre.

— Logo — não teve nervos? Disseram que V. não jogaria em Madrid por ser nervoso...

— Eu não tenho nervos. Sou calmo.

A opinião do Joaquim

Joaquim é o novo «internacional» do F. C. P., mas este rapaz acaba de sair de uma doença que o afastou dos campos durante muitos jogos. Ainda não chegou à sua melhor forma. Quando entrou no campo, para substituir Canário, aos 33 minutos, passou por certa emoção... Canário havia jogado bem, dando tudo, parece que especialmente recomendado. Isto é: — Canário esgotaria em 30 minutos a sua resistência destinada a 90. Critérios... Mas vamos ao que disse Joaquim:

— Sabia (pelo menos assim «constava») que entraria a jogar após a saída de Canário. Se fosse jogar logo de entrada, tenho a impressão de que jogava com mais calma. Os primeiros pontapés à baliza, o desentorpecimento dos músculos e dos nervos, servem de balsamo. Assim, a princípio não via o interior esquerdo. Acabei bem, no meu entender. Espero dar melhores provas. Digo-lhe ainda que, como é natural, estou mais habituado com Araújo. Compreendemo-nos bem.

— Como Canário com o Vasques, com certeza...

— Exactamente!

— Gostou da equipa irlandesa?

— Esperava melhor.

Alberto e Serafim bons camaradas

Os últimos jogadores portugueses que ouvimos foram Alberto e Serafim. E juntos nos deram a sua opinião, por sinal na presença do sr. dr. Octávio de Brito, presidente do Belenenses. Serafim disse-nos em primeiro lugar.

— Comecei um tanto irregularmente. Mas, caso interessante, após a saída de Canário, que não estava jogando mal, antes denunciava uma preocupação de desperdiçar energias (nós sabíamos porquê...) entendi-me melhor com as «deixas» de Joaquim e julgo que acabei a jogar o meu habitual.

— E agora o que pensa o Alberto?

— Que triunfamos o mais justamente possível. Pedíamos marcar mais bolas. Na segunda parte não faltaram ocasiões — e mesmo na primeira.

— Experimentou algumas dificuldades?

— Nenhumas.

Tinhamos anotado as opiniões de alguns dos jogadores da equipa nacional. Seria nossa vontade ouvir ainda alguns mais. Mas nem todos

compareceram ao banquete do Avenida Palace, onde estabelecemos o «nosso quartel general» para o efeito.

No campo do adversário

Os irlandeses, depois de cantarem, em conjunto, a «canção da amizade», mostram-se comunicativos. Parece que o resultado em nada os aborrecera. E também que reconhecem ter perdido com uma equipa mais forte.

Mantem com os jogadores portugueses a melhor camaradagem. Alguns sabem que Jesus Correia é campeão do Mundo de oquei em patins e fuzilam-no com perguntas... por mimica ou ajuda dos sinais. Barrigana, então, mostra-se exuberante nos gestos com um adversário que lhe fica em frente, arrancando gargalhadas sonoras. A convicção, após a luta, é verdadeiramente desportiva.

O que primeiro nos deu a sua opinião foi Carey, capitão do grupo da Irlanda. A sua opinião:

— A minha equipa jogou menos do que esperava. O calor atrapalhou-nos. O grupo português jogou bastante mais, merecendo ganhar.

— Os melhores portugueses?

— O guarda-rede, defesa central, interior esquerdo e extremo direito. Não gostei do árbitro.

Pronunciou-se depois presidente da Federação Irlandesa, coronel Guan:

— Os vossos merecaram ganhar. Entraram com muita rapidez, que não mantiveram na 2.ª parte. Se assim fôsse...

O árbitro Generoso Datilo:

— A equipa portuguesa jogou com muita vontade e a vitória corresponde ao seu trabalho. Admirei — nos irlandeses, Carey, D. Walsh e Eglinton; nos portugueses — avançado-centro, guarda-rede, extremos e médio-esquerdo.

Estava presente Eizaguirre, seleccionador nacional. Eis o que nos disse:

— Os avançados portugueses jogaram muito bem na 1.ª parte. O conjunto — bom. Nos irlandeses só me agradou Carey.

Por último a opinião do Sr. Engenheiro André Navarro

Ao findar o banquete ouvimos o sr. engenheiro André Navarro, presidente da Federação Portuguesa de Futebol. A sua opinião:

— Os primeiros minutos da equipa portuguesa foram admiráveis. Tivemos então um grande grupo. A nossa vitória foi oportuna e justa. Portugal não possui uma equipa famosa, mas também não é das mais fracas.



Vasques salta com o guarda-redes irlandês, mas sem resultado. Os defesas adversários estavam atentos



Uma das muitas defesas seguras de Barrigana, guarda-redes nacional. Suporta a carga de um adversário, e Alberto, Francisco Ferreira e Feliciano confiam na sua agilidade



TERCEIRO JOGO CONTRA A IRLANDA TERCEIRA VITORIA de PORTUGAL



Jesus Correia tem o adversário batido e o próprio Carey não chegará a tempo. Porém, este magnífico esprint do excelente extremo português não pôde ser concluído com êxito



De novo Jesus Correia contra Grey. E mais dois adversários! O nosso representante não é para graças

TRÊS FASES DO GOLO DE PEYROTEO

De alto a baixo, e mesmo sem necessidade de legenda especial, podem os leitores apreciar a maneira como entrou o 1.º golo português, marcado por Peyroteo. Em cima o envio da bola de cabeça, com o guarda-redes em queda; depois — a certeza de que a baliza foi tocada; e por último — os abraços dum lado e a desolação do outro!



Peyroteo não conseguirá, desta vez bater o guarda-redes irlandês. A bola está presa por um adversário. Mas há certa confusão...



D. Walsh, o avançado-centro irlandês é desarmado na altura própria por um arrojado mergulho de Barrigana, — que tem Feliciano a seu lado



Barrigana desvia a bola com os punhos, que Joaquim acabará por devolver de cabeça. Serafim está mais distante, e Feliciano e Ferreira não deixariam o avançado centro respirar...

O VASCO DA GAMA do Rio de Janeiro

vai comemorar o seu aniversário com várias organizações

(Especial para «Stadium» — por CANDEIAS ALVAREZ)

Mais uma rodada de futebol para disputar do Torneio Municipal se realizou com algumas surpresas de vulto, tais como a derrota do Botafogo frente ao quadro do Bangu pelo score de 5-0, e a vitória da «reserva» do Vasco da Gama frente ao Olaria por 4-3. O Botafogo continua a procurar aquilo que não encontra de forma alguma: uma equipa que represente condignamente as tradições gloriosas do Clube e que termine de uma vez para sempre com a assinatura de vice-campeão. Será este ano?

Plano gigantesco de realizações do Vasco da Gama

O Clube de Regatas Vasco da Gama trabalha dedicadamente para que o seu aniversário venha encontrá-lo num período de excepcionais realizações. Em reunião de crítica desportiva do País a direcção do grémio da Cruz de Malta informou-os da gigantesca obra que vai levar a cabo com o erguimento de um ginásio e piscina em terrenos já adquiridos em São Januário, bem como uma sede náutica, orçando tudo em cerca de 20 milhões de cruzeiros a saber: Departamento Náutico, 7 milhões; piscina, 2 milhões e quinhentos mil cruzeiros e mais três mil e quinhentos mil para complemento de obra necessária, excluindo os gastos de aquisição de terrenos. Não fará o Vasco qualquer empréstimo para o custeio das obras. O plano é executado com o aumento de mais 800 títulos de sócios proprietários que se encontram quase todos subscritos.

Jogos olímpicos

Em São Paulo realizou-se na passada semana um torneio pré-olímpico com vistas á selecção dos atletas que serão enviados a Londres com a comparticipação de atletas uruguayos previamente convidados para tomarem parte neste torneio onde foram verdadeiramente aquilatadas as possibilidades

dos brasileiros em tão famosa competição. A crítica geral é unânime em declarar que muito há ainda a fazer; no entanto dão-se por satisfeitos com os progressos demonstrados. Os resultados técnicos não foram de molde a encorajar ambições olímpicas; no entanto o soldo deixado é de relevo, podendo acentuar-se como pontos mais altos as «performances» conseguidas nos 100 metros para homens e senhoras, os 5.000 metros que definitivamente se entrou na casa dos 31 segundos e no revasamento 4x100. Abaixo damos os resultados conseguidos a fim de que os nossos leitores possam fazer uma comparação entre os atletas brasileiros e portugueses

100 metros — Heroldo P. da Silva, 10,7 s.; Ivan Hansen, 11,1 s.; Nabucodonosor Lima, 11,4 s.

110 m., barreiras — Gastão M. Nelo, 15,8 s.; Friedrich Söhren, 16,3 s.; Júlio Carvalho, 16,8 s.

Salto à vara — Cinibaldo Gervasi, 3^m 80; Raimundo Rodrigues, 3^m 70; Mauro Arantes, 3^m 60.

1.500 m. — Geraldo Pinto, 4 m. 13 s.; António Roque, 4 m. 15,6.

Martelo — Bento Barros, 45^m 73; Assis Nabau, 43^m 91; H. Vettori, 42^m 74.

Tripla salto — Ademair Silva, 14^m 19; Geraldo Oliveira, 14^m 03; Mario Richard, 13^m 88.

400 m. — Rosalvo Ramos, 49,7 s.; B. Ribeiro, 49,8 s.; Osmer Romano, 50 s.

5.000 m. — Werner Madalena, 15 m. 32 s. 2/5; Joaquim Silva, 15 m. 50 s. 2/5; Geraldo Filipe, 16 m. 08 s. 3/5.

4x100 — Federação Paulista, 42 s 5/10; Federação Metropolitana, 43 s. 7/10.

10.000 m. — João Soares Oitic, 31 m. 59 s. 2/5.

Dizem-nos da América do Norte...

Em crónica especial de Isidro de Sá para o «Esporte Ilustrado», notamos com satisfação que em Oakland na Califórnia, dois filhos de portugueses representarão os Estados Unidos nas Olimpíadas como bons

boxeurs que são. O amador Johnny Gonçalves conta com 198 vitórias em 206 combates e combaterá na categoria de leves e Frank Sequeira, peso mosca já disputou 85 lutas tendo vencido 46 por pontos e 15 por K. O. tendo 12 empates e 12 matches perdidos.

Começou já o futebol e também já o Tribunal de Justiça Desportiva vai entrar em funções, visto que nas primeiras rodadas, houve expulsões e tentativas de «sururus». No entanto e pela forma que as coisas estão correndo, os árbitros brasileiros parecem dispostos a este ano abrirem mão de autoridade que a lei lhes concede para serem implacáveis nas suas actividades.

Ainda bem que assim é e só nos regosijamos com esse atitude que só trará benefícios ao futebol brasileiro.

Realizou-se no passado domingo mais uma «Gavea» automobilista, que teve a presença de diversos volantes estrangeiros entre os quais

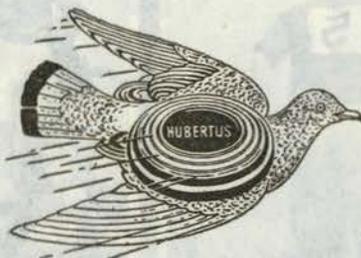
se encontra o famoso Pinacuda, que à última hora dando provas de pouco desportivismo e menor consideração pelos organizadores e pelas autoridades presentes se recusou a correr alegando defeitos na sua máquina, defeitos absolutamente inexistentes visto que a mesma foi pilotada por um extraordinário rapaz de São Paulo, estreante neste género de provas, que conseguiu uma ótima 7.ª classificação.

Ficou mais uma vez vencedor o volante paulista Francisco Landi, cujas reais qualidades o tornam um dos melhores volantes de América do Sul. O português António Fernandes de Silva, pilotando uma «Maserati» de 1.500 c. c., que lhe foi oferecida pela colónia portuguesa do Rio e de São Paulo e cujo valor orça em cerca de 350 contos, foi obrigado a desistir na 3.ª volta por se lhe ter partido um semi-eixo.

Aguardamos outra oportunidade de ver Fernandes de Silva para aquilatarmos as suas reais possibilidades.

Manuel de Oliveira o campeão de Portugal de luta grego-romana que se encontra no Rio de Janeiro disputando um campeonato de «catch», deve embarcar para Lisboa nos fins de Maio, depois de ter mantido uma campanha a todos os os títulos brilhante num género de que não é absolutamente a sua especialidade, mas para o qual demonstrou mais uma vez as suas reais capacidades de estupendo lutador que é, empolgando a colónia portuguesa com retumbantes vitórias conseguidas sobre consagrados «catchemens» internacionais.

DESSPORTOS



GRANDE SORTIDO DE TUDO PARA TODOS OS DESPORTOS

Aparelhos de ginástica, bolas de futebol, raquetes, botas, luvas de box para treino e combate, etc., etc.

Campismo — Tiro — Pesca

Armas — Munições

Vendendo as melhores desde há muitos anos

A. M. SILVA

Rua da Betesga, 67 e 43 - 2.º — LISBOA

Telefones 3 1313 - 3 1314

A casa que mais barato vende e melhor sortido tem

ARCADIA

O DANCING N.º 1 = DA CAPITAL =

Em pleno triunfo:

Os príncipes do baile espanhol

MERCEDES LEON-ALBANO ZUNIGA

BALLET ALMA ESPANHOLA

BALLET DIX LOUISE GIRL'S

Mary Mely — Mercedes Romero — Conchita Perez — Mabel Valencia — Almodena Quevedo — Pilarin Martin — Merche Martin — Milagrito Sancho — Loli Cañi — Maruja Casado — Ondina

Música constante pelas Orquestras **Larrea** com a vocalista **Josita Tenor** e **Arcadia**

Abertura às 22 horas — 1.ª parte Vde ariedades às 24 15 horas

Intellectualismos

O conceito interrelativo da ideia desportiva, do seu significado espiritual ou da realidade de beleza e perfeição que encerra, tem felizmente subido muito de nível nos meios de escol intelectual, que a traduzem inspirados pela própria sensibilidade; mas o julgamento dos intérpretes dessa ideia, dos seus devotos e cultivadores, não ascendeu em paralelo e timbra-se às vezes ainda por cunhos depreciativos e injustos, porque é estabelecido com absolutismo quando a verdade é apenas relativa.

Existe, nesta discordância incompreensiva, um mal entendido fundamental cuja origem reside em pseudo-antagonismo de temperamentos que a explicação lógica destrói.

A interpretação, dada por tais intelectuais ortodoxos, às preferências desportivas, — como praticantes ou espectadores —, de cultos espiritualistas mais ecléticos nas suas concessões do interesse é estruturalmente errada.

Não é ainda hoje caso excepcional o conhecimento deste género que nos diga em tom depreciativo: «Parece incrível que um homem da sua categoria encontre prazer em tais espectáculos e perca o seu tempo acompanhando

brincadeiras de rapazes»; ou então, com sorriso superior: «Só lhe admiro a paciência para continuar a gastar-se em semelhantes exercícios». E acrescenta em regra, a modo de paliativo: «O que lhe vale, é esse seu feitiço alegre e sempre em boa disposição».

Mas não compreendeu que a alegria e a boa disposição não constituem razão prévia, mas são, sim, a consequência da actividade física e do regresso à lei da natureza nas horas de liberdade do trabalho intelectual.

O desporto, o exercício físico, em geral, — mesmo na forma mais singela da ginástica elementar —, é o melhor criador de euforia, incitante da alegria de viver; nunca deverá ser tomado como um complexo de inferioridade cerebral, porque fazer tal julgamento é sintoma seguro de desconhecimento ou preceito.

Os que maldizem da ideia desportiva, de quantos a cultivam animados pelo verdadeiro espírito do desporto, que é divertimento, que é saúde, que é repouso do cérebro por derivativo corporal, proam apenas a sua incompreensão ou pretendem, o que também é vulgar, tomar ares de superioridade pretensiosa com os recursos mais fáceis de utilizar.

Dois conceitos

LEAMOS numa revista francesa, a propósito dos Jogos Olímpicos e dos termos em que é definido o amorismo dos seus participantes, um excelente artigo, que não resistimos a resumir com a transcrição dos períodos principais.

O autor, Raul Vimard, depois de haver fixado as origens da rigidez selectiva da definição do amor olímpico num conceito de origem inglesa, datando de uma época em que o desporto era essencialmente aristocrático e fora do alcance dos rapazes de classe modesta e desafortunada, verifica que os tempos evoluíram e o desporto se democratizou, tornando-se uma necessidade social que consente maior largueza de vistas nas possíveis facilidades a conceder a um amator sem por isso o alingar na sua categoria: tais, por exemplo, isenção de pagamento de quotas, equipamentos fornecidos gratuitamente, refeições em comum, viagens pagas, situações profissionais mais ou menos autênticas, indemnização de salários perdidos, etc.

Nestas condições, Vimard pergunta, com razão, para que se serve conservar uma lei que nada justifica, que não tem por fim impor obediência a qualquer regra exigida pela moral ou pelo benefício social. E, ainda, que interesse existe para a nação em impedir que os seus melhores atletas pos-

sam tomar parte nas grandes competições, apenas porque não liberam a dita de nascer ricos.

«Se a lei do amorismo, escreve o autor citado, nem se opoia na moral, nem na utilidade social, justificar-se-á em razões de outro carácter desportivo? De nenhuma maneira. Sob o ponto de vista desportivo é absurdo inquirir de quem corre mais depressa, se possui rendimentos, se pagou os sapatos de pontas ou a bicicleta de que se serve. O desporto não conhece classificações sociais baseadas sobre a fortuna. Apenas impõe, em boa verdade, o princípio de que os concorrentes a uma competição se apresentem animados pelo espírito desportivo, isto é, com a única ideia de melhoramento físico e moral e com o propósito de encontrarem nos exercícios e competições um derivativo à monotonia da vida e às fadigas do trabalho e das ocupações».

Este espírito desportivo, que o desporto está naturalmente no desejo de exigir, impõe que sejam classificados à parte os profissionais puros, aqueles para quem o desporto deixou de ser uma alegria e um derivativo salutar, para se tornar uma obrigação e um ofício.

Estes profissionais, excelentes técnicos, excelentes operários do músculo, excelentes actores de espectáculos populares, não são

História inglesa

sobre a bola do PORTUGAL-INGLATERRA

NO «France Football» de 21 de Abril passado, num artigo de Lucien Perpere, a propósito do peso e dimensões das bolas normalmente utilizadas em Inglaterra, deparamos com uma referência aos portugueses que carece de rectificação, e nós estamos em condições de a fazer devidamente. Também o célebre Lawton, lá mais para diante das «Memórias» que estamos a publicar, se refere às pequenas dimensões da bola portuguesa apresentada no Portugal-Inglaterra.

Lucien Perpere conta que o maçagista da equipa inglesa, Walter Max, lhe contou o seguinte:

— Quando a Inglaterra jogou contra Portugal, nos últimos tempos, pediu para jogar com uma das suas bolas. A equipa portuguesa aceitou, mas, tendo encaixado o primeiro golo, fez rapidamente desaparecer a referida bola. De sorte que o *match* teve de prosseguir com uma bola de modelo mais modesto.

Mas a substituição virou-se contra os seus autores e confundiu-os: a pequena bola entrou nove vezes nos redes.

O que tende a provar que as características das bolas — se estão em bom estado e desde que conformes ao regulamento — não modificam profundamente a sua utilização.

A fantasia das pessoas leva-as por vezes muito longe! Os ingleses, já por mais de uma vez, tem contado esta história, e contam-na sempre da mesma maneira, verdade seja. Simplesmente, o que se passou foi inteiramente diferente de aquilo que nos é contado, com a conhecida fleugma de quem conta uma mentira, convencido que está a dizer uma verdade.

Se bem nos recorda, os ingleses propuzeram jogar com uma bola inglesa. Mas é evidente que recusamos. O uso internacional que, aliás, ninguém contesta, é utilizar as bolas apresentadas pelo país onde se disputa o encontro.

Portanto, nós mandamos ao árbitro três bolas devidamente pesadas e medidas pela Comissão Central de Árbitros para ele escolher uma. O «referee» teve oportunidade de verificar que a balela de estamos acostumados a jogar com bolas muito leves e pequenas, quicé fora do Regulamento, não tinha consistência. Ele próprio verifica que as bolas portuguesas, de excelente e modelar fabrico, tinham sensivelmente o mesmo peso e dimensões da que lhe era apresentada pelos ingleses.

E as bolas portuguesas, já aprovadas, foram ao campo, e uma delas colocada na marca do centro. Simplesmente, depois do sortido, os ingleses deram um pontapé para longe nessa bola e colocaram lá a que tinham trazido.

Ficamos surpreendidos com o facto, mas não pudémos intervir porque, entretanto, começava a partida, e o árbitro fazia vista grossa sobre o caso.

Em dado momento do encontro, tendo a bola inglesa saído para longe foi atrada para a relva uma das bolas portuguesas, que, parece-nos chegou a estar em jogo alguns momentos. Mas logo que reapareceu a bola inglesa, foi esta reposta em jogo e foi essa que entrou nas balizas portuguesas as tais dez vezes, no encontro em que os ingleses fizeram o seu melhor e em que os portugueses foram mais desafortunados do que nunca.

O que dizemos é a pura verdade. Sem artifícios. Nem o caso tem uma importância por aí além para ser preciso arranjar quaisquer subtilidades. Por outro lado, parece-nos que «os melhores jogadores do Mundo» escusam de inventar histórias para juntar aos triunfos de sua incomparável classe, um caso anedótico tendente a deprimir o adversário. Isso não está nas tradições do seu magnífico «fair-play».

Certamente, é de uso em Portugal bolas perfeitamente dentro do Regulamento, mas um pouco menos pesadas que a inglesa. Mas a pequena diferença de algumas grammas não chega a ser «bandicapa», quando de um lado estão os ingleses, que, uma vez por outra, com todos os trunfos do seu lado, mais preparação e melhor jogo, árbitros e bolas inglesas, também perdem... — T. S.

desportistas. Nos estádios, trabalham; não jogam. Lutas e competições não representam um acessório na sua vida, mas sim a sua própria maneira de viver. Para eles, a distração, o descanso, começam à saída do estádio.

E, portanto, conforme aos princípios de igualdade entre os concorrentes, que os profissionais não entrem em competições com os indivíduos que praticam o desporto por prazer, como amadores; é esta a única distinção que se impõe.

Noutras palavras: são amadores aqueles que não ganham a sua vida pela prática dos exercícios desportivos.

Estamos de acordo; evitam-se assim muitas hipocrisias.

S. C.

VALONGO

Convida V. Ex.ª a visitar o seu

Restaurant

Café Bar

TREVO IMPERIAL, L. DA

Especialidade em fraterias e mercearias finas

CHALET TREVO

Avenida de S.º Pedro

Tel. f. 760 — Monte Estoril

OS "MESTRES" derrotaram os italianos por 4-0 em Turin



A famosa equipa da Inglaterra. Ganhou por 4-0 em Turin — e convenceu 80.000 espectadores!



O avançado centro italiano Garetto, atrai às redes de Swift, de cabeça — mas a Inglaterra não sofreu golos...



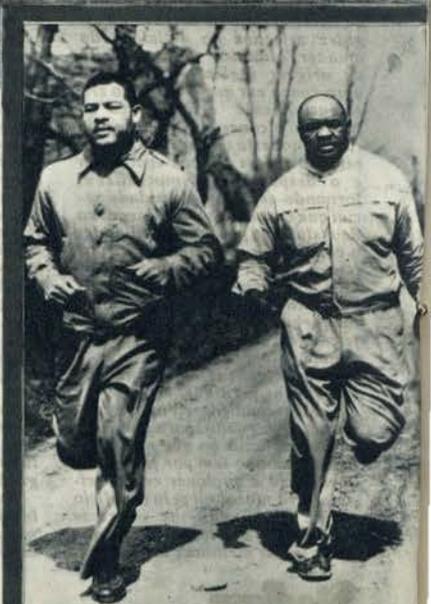
Dois aspectos do grande jogo: à esquerda, Frank Swift, guarda-rede da Inglaterra e capitão da equipa, recebe um bronze comemorativo da vitória; à direita, o grupo representativo da Itália



No rescaldo de uma grande jornada

Jesus Correia não bebe vinho... Mas em Montreux todos foram obrigados a beber pela Taça que representava o título mundial de quelet em patins.

O grande atleta, então não se recusa, e já está outro na bicha: — o portuense Ribeiro.



Joe Louis terá de jogar com Walcott e todos os cuidados são poucos. Assim pensa o treinador Freddie Wilson

ACONTECIMENTOS DESPORTIVOS



O Estoril Prata comemorou recentemente o 9.º aniversário da sua fundação, tendo presidido à sessão solene o sr. Comandante Nuno de Brion, representante do Chefe do Estado, que tem à sua direita o coronel Sacramento Monteiro, Director Geral dos Desportos, e coronel Garcez Lencastre, vice-Presidente da Camara de Cascaes. O sr. major Alexandre de Sousa, presidente da Direcção, pronuncia o seu discurso

1 — Há tempos, um senhor visitou o Sport Algés e Dafundo, apreciou com entusiasmo a bela obra e ofereceu um trofeu, a taça «Solentys», para ser disputada anualmente pelos nadadores mais miudos. Eis na foto o grupo que no passado domingo entrou nessa competição. 2 — O ciclista Armando Gonçalves, do Benfica, campeão regional de Juniores. 3 — Os nossos velejadores intensificam os treinos, as regatas sucedem-se. Os «Snips» no último domingo disputaram a taça «Santa Maria de Belém»



PORTO VENCEU AVEIRO por 4-1

Em Aveiro, a equipa do Porto ganhou por 4-1, um jogo inter-cidades. Os dois grupos reunidos em cima (1); a seguir troca de lembranças entre os dirigentes (2); em baixo, uma defesa do guarda-rede aveitrense (3)



ENTRE UNIVERSITARIOS portugueses e belgas



Coimbra recebem a visita de desportistas belgas, que jogaram em basquetebol e futebol com a Associação Académica. Um programa da «Quelma das Fitas». Em futebol, os representantes da Universidade de Lovaina ganharam à Associação Académica por 3-2. Mas em basquetebol triunfaram os nossos universitários por 36-31. Apresentamos à esquerda, o grupo belga; ao meio, duas fases do jogo de futebol



A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

BOXE

Na América

A mais sensacional vitória da semana finda teve lugar no Chicago Stadium, entre dois dos mais destacados pugilistas negros da actualidade: Ezzard Charles e Elmer Ray, por alcunha o Violento.

Charles, que ainda não completou vinte e cinco anos, mas surge como o mais directo rival do titular de meio-pesados, Gus Cesnevich, não combatia desde 20 de Fevereiro. Nesta data, matou com um soco no crâneo outro pugilista de cor, Samuel Baroudi, e agora mediu forças com um adversário de grande cartaz, o terceiro em mérito da categoria máxima.

Apesar disso, Charles triunfou por *knockout* no 9.º assalto, produzindo na assistência uma esmagadora impressão de potência física.

EM Buffalo, o científico jogador italiano Lívio Minelli pôs fora de combate, ao 6.º round, o norte-americano Geo Smith.

KE WILLIAMS, campeão do Mundo (leves), ganhou por pontos ao mexicano Rudy Cruz, no fim de dez assaltos. O título não se achava em disputa.

O veterano e científico pugilista Tippy Larkin (semi-médio) conquistou uma decisão unânime sobre o jovem Ruby Kessler, de Brooklin, durante o espectáculo celebrado na Arena Parkway, dessa cidade. O triunfo, por pontos, foi autorgado pelo árbitro após dez assaltos.

DADO MARINO, filipino (peso mínimo) liquidou as pretensões de Kenny Lindsey, ao 1.º assalto, por *knockout*, em S. Francisco da Califórnia.

GEORGIE ABRAMS, que foi o primeiro adversário de Cerdan quando este desembarcou nos Estados-Unidos pela primeira vez, acaba de ser posto fora de combate pelo estoniano Raadick. A luta efectuou-se em Chicago e, no decurso do último assalto, o americano foi a terra pelos dez segundos da ordenança. Como os nossos leitores por certo se lembram, Raadick fez outrotanto a Cerdan mas não teve tempo de adormecer em definitivo.

Eis um candidato excelente para o título mundial da categoria.

Na Europa

ALDO MINELLI, italiano, ir-pontos o seu patricio Mola, em Bergamo. Na mesma sessão, o semi-leve Bondavalli derrotou Andressi, de igual modo.

EM Helsínquia (Finlândia), o jovem Ask obrigou a desistir, ao 3.º assalto, o campeão da Áustria, Filip. Também por idêntica decisão, ocorreu no 5.º round, o francês Eugénio Marchand derrotou Gustafsson, após um bonito *match*.

FUTEBOL

Na Argentina

A o esbo da terceira jornada do campeonato argentino de futebol, o River Plate encontra-se à frente da classificação, sem derrotas nem empates.

Com uma regularidade maravilhosa tem evidenciado classe de grande campeão. Desta vez, coube-lhe deslocar-se à cidade de Rosário, para fazer frente ao Newell's Old Boys, e arrancou uma boa vitória por 2-1. A figura mais saliente do desafio continuou sendo Moreno.

O conhecido San Lorenzo dispôs, pelo mesmo resultado, de Charrita Juniores. Reapareceu no grupo o popular médio Angelo Zubiate, que actuou como um mestre. A seu lado, o centro Perucca, coadjuvado por Farro, Pontoni e Martino, a trindade dianteira, produziram excelente futebol.

Boca Juniors, obteve, por fim, a sua primeira vitória, à custa do Ginásia y Esgrima de La Plata. Vencido pelo Racing e empatando, depois, com Huracán, teve agora ensejo de marcar 7 tentos e sofrer apenas 2.

Huracán prossegue em grande forma. Três desafios difíceis, contra S. Lorenzo (ao qual venceu) contra Boca Juniors (empate) e, agora, voltou a ganhar, aos Estudiantes de la Plata. Os seus jogadores, Ricardo, Uzal e Filgueiras foram as figuras mais notáveis.

O Racing, apesar de dispôr das melhores figuras futebolísticas, não consegue impôr-se. Frente ao Tigre sucumbiu por 2-1. O desafio teve alternativas de tensa emoção.

A ordem de classificação dos grupos é a seguinte: River Plate, Huracán, Banfield, Estudiantes, Independiente, Platense, S. Lorenzo, Tigre, Boca Juniors, etc. Na cauda, com derrotas, vão o Gimnásia e o Lanús.

GRANDE BAIXA DE PREÇOS



BICICLETAS

«HELIOS»

1.350\$00

«RALEIGH»

1.990\$00

Peçam novas tabelas

Armando Crespo & C.ª

Rua do Crucifixo, 116 a 124

LISBOA — Telefone 27027

NOTA DA SEMANA

Já é tradicional, a palavra dos oradores de banquetes e, ainda, nas colunas da imprensa desportiva, atribuem-se aos torneios internacionais e dos jogos de competição virtudes que, no fim de contas, lhes são raras.

Amizades indefectíveis, aproximação entre povos, laços de entendimento, e tutti quanti, eis o formulário frequente e preferido, vindo a lume na companhia de outras imagens, destituídas do mais remoto sentido das realidades.

Talvez há quarenta anos, quando o ideal do olimpismo renascente vicejava sob a forte e inspirada mão de Pierre de Coubertin, as coisas se anunciavam diferentemente.

Hoje — custa dizê-lo mas é inútil alimentar ilusões — o desporto transformou-se, quer sob o aspecto internacional quer dentro das fronteiras de cada país — numa força excitante de nacionalismos exacerbados e de despiques bairristas, sendo raro se atletas escolhidos para adversários procuram acamaradar, antes e depois das provas, com o propósito de alargarem o conhecimento mútuo que poderiam retirar de tal aproximação.

Dentro dos limites verdadeiros, quais veem a ser os resultados patentes das pugnas desportivas? Revelar caracteres, particularidades educacionais das massas, pôr a lume defeitos de temperamento, etc.

Esta virtude psicológica do desporto poderia denominar-se «detectoras» e tem muito mais importância, a nosso ver, que em geral lhe é atribuída.

Aqui, ao pé da nossa porta, temos lido bastantes provas dos benefícios do intercâmbio. Estão na memória de todos nós e não merece que se revelem. Agora, foi o Brasil, filho espiritual e material do nosso esforço colonizador, que nos propinou — pela mão do Conselho Nacional dos Desportos — um tabefe, impedindo os clubes de futebol portugueses de tomar parte no festival do 50.º aniversário do «Vasco da Gama».

Não está na índole desta breve «Nota da Semana», analisar os antecedentes do caso, nem tomar partido no pleito. Fique registado, tão só neste, o nosso parecer sob as virtudes atribuídas ao desporto, nas colunas da imprensa e no verbo dos oradores, virtudes que, afinal, lhe são tão raras.

R. B.

ATLETISMO

Zatopeck em evidência

O grande corredor de fundo, Zatopeck, de nacionalidade checa, sério aspirante olímpico à légua e aos dez quilómetros, ganhou recentemente o Campeonato de curta-mato do seu país (11, km e 600) no tempo de 36 m. 31,2 seg. Em segundo lugar classificou-se Novak, com 39 m. e 46 s.

O Pakistan na brecha

ESTE recente país, antiga Índia Muçulmana, tem mostrado que o desporto lhe interessa particularmente. Agora, o lançador Zahoor Ahmed, bateu o recorde do lançamento do peso (7,257 kg.) arrojando a esfera a 14, m 22.

200 metros em 20,7 s.!

ESTE notável tempo foi registado há poucos dias ao californiano Mell Patton, de S. Francisco, que embora sofra de um determinado mal cardíaco é ainda

o mais veloz corredor de velocidade norte-americano. O recorde mundial pertence, conforme se sabe, ao negro Jess Owens, desde 1935, com 20,3 seg.!

440 jardas em 52,7 s.!

O atleta americano Lee Hofar, durante uma prova de treino, correu 440 jardas (barreiras) em 51,7 seg. tempo que o credita como sério pretendente ao título olímpico.

O match Paris-Londres, inrer-universitário

Apesar da vitória dos parisienses, por 76 pontos a 53, os resultados mais brilhantes do desafio foram obtidos pelo estudante de medicina Artur Wint, da Jamaica, que percorreu 400 metros (lançados), em 47,6 s., no decurso da última estafeta da prova 4x400, e os 800 metros e 1 m. 54,8 s. duas proezas notáveis.

ERA TUDO PARA INGLÊS VER...

Os nortenhos, ou talvez melhor, os portugueses, que tem visto Araújo em grandes tardes, e mais recentemente contra o Arsenal e Benfica, ficaram desagradavelmente surpreendidos quando viram a linha nacional sem o «seu jogador». Nós, ao contrário, ficamos contentes...

Primeiro — porque se confirmaram as nossas impressões de há muito; segundo — porque certo público viu aquilo que não queria ver; terceiro — porque o próprio Araújo sairá valorizado desta prova.

Quando nos jornais se disse que do F. C. P. sairiam Barrigana, Alfredo, Joaquim e Araújo para o grupo — torcemos o nariz. Era muita fatura junta. Pois tínhamos razão...

SELECÇÕES AO SABOR

DO VENTO

O F. C. do Porto, verdade se diga, não tem tido mau comportamento no campeonato nacional. Uma ou outra «quebra» não conta.

Contra o Arsenal — famoso, arrancando a melhor vitória de sempre em clubes portugueses. Logo correram apressados algumas pessoas a bater nas costas dos jogadores e do clube: — seleccionados quatro.

De mais a mais o Sporting havia perdido em Setúbal, dando razoável «estenderete». Mas o Porto, a despeito de ter demonstrado novamente classe em Aveiro, contra o Benfica, jogou mal contra o Sporting — e tudo o vento levou.

Comentário de um amigo: — Foi uma pena. Se o Portugal-Irlanda se jogasse após o Lusitano-Sporting talvez se arranjassem alguma coisa...

DECLARAÇÕES QUE

NÃO SE FAZEM

Talvez a selecção estivesse bem feita. Por certo estava. Mas os seleccionadores disseram-nos que «fora a Madrid a base de uma grande equipa!»

Depois, publicamente, disseram-nos que Vasco e Vasques não serviam; que Jesus Correia deveria ser substituído por um homem do Lusitano; que Caiado (de um modo terminante!) jogaria contra a Irlanda; que Peyroteo seria excluído definitivamente... Mais ou menos isto. Afinal, não veio a acontecer assim. Os tais «novos» que nos anunciavam constantemente, são sempre substituídos... por «velhos». Santo Deus!

Nós achamos que não há «velhos» mas simplesmente «jogadores». É uma Verdade grande, incontestável — única. Mas para que nos conduzem para campos falsos, fazendo declarações injustificadas?

Porque nos fica fora do grupo, por exemplo, esse grande médio que ainda é Amaro, e o excelente defesa que se chama Alvaro Cardoso?

na capital do NORTE

A nossa vitória...

CONTRA tudo — o F. C. do Porto obtém uma vitória estrondosa sobre o Arsenal, 1.º clube de Inglaterra. Nem sequer podem dizer, os de cá ou os de lá, que o árbitro ajudou o campeão português a ganhar...

Ora, esta vitória, oferecida ao futebol português, a Portugal, parece ter ficado apenas no ouvido do público desapassionado, e de tal modo que se oferece para contribuir largamente para a obtenção de um troféu que a simbolise e a mostre aos incredulos.

Orgulhosamente, inscreveu-a o F. C. do Porto na sua história, rindo-se dos que a pretendem esquecer, dos que aparecem atrapalhados a perguntar se o clube tal e tal não terá feito melhor contra estrangeiros, mais ou menos aborrecidos com o triunfo magnífico, e um tanto ou quanto animados pelo jornalismo de sensação...

Continuando a rir-se daqueles que em breve espaço de tempo esqueceram a acção maravilhosa de uma equipa cheia de brio, de rapazes que perturbaram largamente a primeira equipa da Inglaterra, não há aborrecimentos por não se haver escolhido um ou outro dos vencedores do Arsenal. Talvez pelo contrário. No Porto começa a conhecer-se um pouco melhor o valor de certos «amigos dos diabos», e o interesse por algumas decisões é relativo. Não importam...

O que importa hoje à gente de cá, isso sim, é expandir o seu contentamento por uma vitória que se lunge através de publicidade modesta mas firme, — publicidade que toca às aldeias grandes e pequenas, que não é paga a tanto a linha, mas que passa as fronteiras sem esforço e indignidade.

Vão centenas e centenas de desportistas portugueses contribuir com pequena ajuda para a compra de um troféu comemorativo. Chegou já dinheiro do Brasil e da África. Chegará das bolsas modestas. Pois isto afirma, finalmente, que a «voz do povo é a voz de Deus», e que tudo quanto está para além da política mesquinha e parcial não interessa e não conta!

Esta vitória, como outras de igual categoria, meus senhores, não pode riscar-se. Não — isso é que não. Daqui não levam nada os esforços alimentadores de insucessos, nem aquelas pessoas que em poucos dias se deixaram conduzir por outras impressões.

A cidade do Porto, afinal, não pretende favores. Deseja apenas que a considerem um pouco, como ela merece. Quando assim não sucede — despreza os seus detractores e passa adiante, deixando aos julgadores serenos o cuidado de apreciar tantas e tantas provas de consciente atropelo aos seus direitos.

CURIOSIDADES...

Quando Joaquim chegou ao Porto, após o Sporting-F. C. do Porto, contou-se que o árbitro afirmara não «carregar a parte...» Não havia motivo — diziam. Sorrimos. Estes rapazes cá da terra acreditam em cada coisa...

♦ Saiu o Joaquim. Entra o Lualaba. Isto até parece bruxédo...

♦ Caiu sobre o Boavista uma interdição de 30 dias. E sobre Serafim um castigo de 5 jogos. Sempre há cada surpresa...

♦ Eladio Vascheto, quando lhe disseram que não seria seleccionado qual-

quer jogador do seu clube, ficou contentíssimo... Parece ter acontecido o mesmo à maioria dos portugueses. Mas foi boato.

♦ Gastaram-se os adjetivos com Araújo em vários jogos, e especialmente contra o Arsenal e contra o Benfica no campo de Aveiro. Mas o rapaz não se saiu bem no Lumiar, e tanto bastou... Valha-nos Santo António.

♦ Vão ser impressas e distribuídas algumas entrevistas «célebres», concedida depois do jogo Portugal-Espanha de Madrid.

Para confronto — é um

NÃO faltam, infelizmente, os seleccionadores de ocasião ou de «operele». E também não faltam, claro está, os outros, os que dão guarida a linhas de todo o tamanho, confundindo a opinião sensata e inteligente, — melendo no espírito apixonado do público o venenoso, ou levando esse mesmo dúbio a julgamentos que não servem o desporto e os desportistas de bom quilate.

Deparemos com atitudes que revelam peixões indonecíveis, um desprezo profundo pelos direitos alheios, uma falta de consideração extraordinária pelo esforço sério de vários centros, um clubismo, regionalismo ou lé o que é, tão constante e pernicioso que nem sabemos que mais nos assombra: — se a perigosa brica-deira de uns, se a insensibilidade manifesta de outros mais responsáveis.

Tudo isto junto, está bem de ver, cria um estado de espírito lamentável. O público não consegue ver a selecção portuguesa formada pelos melhores jogadores nacionais, e também não consegue compreender o motivo porque tanto se diz e tanto se erro, e porque se produzem afirmações falsas por comportamentos incompreensíveis.

Não se tem a menor consideração pela palavra e nem pelo critério. Deste modo — assistimos a decisões que erram e conflagram. E não há quem se imponha decididamente.

trabalho engraçadíssimo...

♦ Anunciou-se que Onofre Tavares sempre aparecerá no Benfica. Não se li-gou muita importância ao caso — mas não falta quem grite, nos cafés: «— mais um passo para as pases Porto-Benfica!»

♦ Fernando Caiado, primeiro indiscutível, depois dispensado, — «não apareceria na selecção nacional por causa dos seus deveres militares». Afinal, Fernando Caiado jogou o Porto-Aveiro! — Como o rapaz é tropa mais perto de Lisboa ou da Venda do Pinheiro que do Porto — não percebemos...

A nossa ingenuidade é tremenda!



A defesa nacional em acção. Joaquim interrompe a fuga do interior esquerdo, enquanto Feliciano está de guarda...

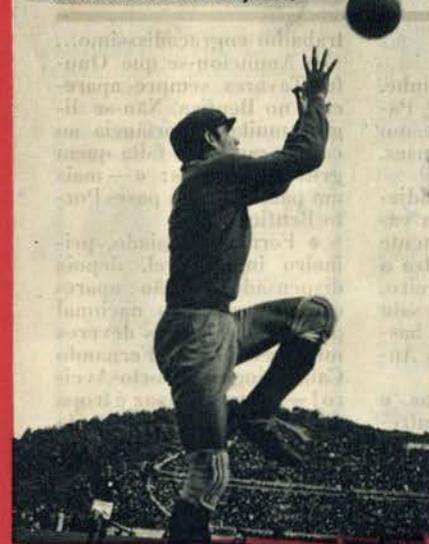
Uma saída de Barrigana, para captar uma bola alta. O avançado centro irlandês procura dificultar-lhe o movimento



O extremo esquerdo Eglinton procura dominar Serafim



Barrigana num pormenor. Está com toda a atenção...



Na capa o nosso fotografo Nunes de Almêda, flexou Barrigana já com a bola nas mãos. Vejamos agora a mesma fase, no período da subida do guarda-rede nacional para a bola, e teremos o quadro completo



O guarda-redes inglês defende, carregado por Albano



Dois jogadores Irlandeses também fotografos

Um ataque de Peyroteo, defendido pelo guarda-redes irlandês

